

(aprendendo)

Direitos Humanos com

Dorothy Stang

Sua frase célebre é **NÃO VOU FUGIR**. Ameaçada de morte durante vários anos, acabou sendo assassinada.



<https://www.facebook.com/irmadorothy/>

Muitos a chamavam de Anjo da Amazônia.

Seu PDS - Programa de Desenvolvimento Sustentável, similar ao projeto de Chico Mendes, era contrário aos interesses dos desmatadores, grileiros e fazendeiros que destroçam a Amazônia desde sempre e agora mais do que nunca. Chico morreu assassinado em 1988 - Governo Sarney. Dorothy morreu assassinada em 2005 - Governo Lula -. Mudam os governos e a sanha assassina desse poder econômico paralelo predador se nutre do sangue dos que a ele se contrapõem.

E, atualmente, não é mais um poder paralelo.

É ungido e abençoado pela política oficial do governo. No dia em que essa coluna foi escrita a notícia é o corte drástico de Jair Bolsonaro ao combate de incêndios florestais ([veja](#)).

E, no Brasil, sabemos que a maior parte desses incêndios é provocada pelos herdeiros dos assassinos de Dorothy. Americana e naturalizada brasileira, Dorothy morreu com 73 anos de idade. Seu irmão, David Stang, dizia que *“Ela amava tanto o Brasil que se naturalizou brasileira.”* Dorothy pertencia à congregação católica internacional Irmãs de Nossa Senhora de Namur que reúne mulheres que exercem o trabalho pastoral nos cinco continentes.

Irmã Dorothy (ou carinhosamente Dot) iniciou sua missão no Brasil em 1966, no Maranhão.

E, na década de ‘70, com trabalhadores rurais da Região do Xingu, buscava, essencialmente, a geração de emprego e renda com projetos de reflorestamento em áreas degradadas, na área da Transamazônica. Tentava, ainda, minimizar os conflitos fundiários na região. Na Vila de Sucupira, município de Anapu, no Pará (500 quilômetros da capital - Belém), seu projeto de desenvolvimento sustentável ganhou notoriedade nacional e internacional. No diálogo com lideranças camponesas, políticas e religiosas (Comissão Pastoral da Terra e Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), sempre buscando soluções para os conflitos da terra amazônica, defendia uma reforma agrária justa. Sempre a favor dos pobres, Irmã Dot fundou a primeira escola de formação de professores na Transamazônica, em Anapu: a Escola Brasil Grande. No documentário “Mataram Irmã Dorothy”, de Daniel Junge, ela própria, já ameaçada, diz: **“Se cai um, mil levanta.”** Na emocionante cena final, os trabalhadores rurais que ela tanto defendia fazem uma pequena romaria ao seu túmulo e, tendo como melodia Asa Branca de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, uma camponesa, logo acompanhada por todos, inclusive crianças, canta com outra letra ([veja](#)):

Foi por defender a vida

E o povo massacrado

Irmã Dorothy perdeu a vida

Teve seu sangue derramado

Na floresta da Amazônia

Quantas lágrimas quanta dor

Tanto sangue derramado

Pelas mãos do opressor

NÃO VOU FUGIR E NEM ABANDONAR A LUTA DESSES AGRICULTORES QUE ESTÃO DESPROTEGIDOS NO MEIO DA FLORESTA. ELES TÊM O SAGRADO DIREITO A UMA VIDA MELHOR NUMA TERRA ONDE POSSAM VIVER E PRODUZIR COM DIGNIDADE SEM DEVASTAR (DOT)



<https://observatoriodaevangelizacao.wordpress.com/2015/02/11/pequena-biografia-da-martir-irma-dorothy-stang/>

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.